

Ensino conservatorial na trajetória musical: reflexões sobre o filme

“João, o maestro”

Comunicação

Breno Felipe Lima de Sousa
Universidade Federal de Pernambuco
breno.fsousa@ufpe.br

Anderson Flávio Barbosa Pereira
Universidade Federal de Pernambuco
anderson.flavio@ufpe.br

Leonardo da Silveira Borne
Universidade Federal de Mato Grosso
leo@ufmt.br

Resumo: A partir do filme “João, o maestro”, este ensaio busca realizar uma análise sobre como o ensino conservatorial influenciou a carreira do pianista e maestro João Carlos Martins, destacando tanto os benefícios quanto os desafios impostos por esse modelo educacional. Com um olhar sobre alguns conceitos sobre o ensino conservatorial, verifica-se que a formação rígida e disciplinada proporcionada por esse modelo educacional desempenhou um papel crucial no desenvolvimento técnico e na busca incessante pela perfeição que caracterizam a carreira de Martins. Por outro lado, também sucede que as exigências desse modelo educacional o expuseram a pressões físicas e emocionais significativas, levantando questões sobre a sustentabilidade a longo prazo desse tipo de formação. Assim, é possível compreender como o ensino conservatorial pode impulsionar carreiras extraordinárias ao mesmo tempo em que impõe pressões significativas, destacando a necessidade de um equilíbrio entre tradição e inovação no ensino musical.

Palavras-chave: ensino conservatorial, João Carlos Martins, ensino musical.

Notas introdutórias

O ensino conservatorial, com sua longa tradição de rigor e excelência, tem sido um pilar fundamental na formação de músicos ao redor do mundo. Este modelo educacional, que se originou como uma forma de afastar órfãos e desvalidos da marginalidade através do ensino da música, evoluiu para se tornar sinônimo de disciplina técnica e virtuosismo. Instituições como o Conservatório de Paris estabeleceram padrões elevados que moldaram a trajetória

de inúmeros músicos, destacando-se pela ênfase em uma prática intensiva e uma busca incessante pela perfeição (Gjerdingen, 2020). No entanto, essa abordagem também traz à tona discussões sobre suas limitações e impactos na saúde e expressão artística dos músicos.

João Carlos Martins, um dos mais renomados pianistas brasileiros, exemplifica como a formação conservatorial pode impulsionar uma carreira musical extraordinária, ao mesmo tempo em que impõe desafios significativos. Iniciando seus estudos musicais aos oito anos, Martins rapidamente demonstrou um talento prodigioso, despontando como um jovem prodígio. Aos 21 anos, sua estreia no Carnegie Hall consolidou sua reputação internacional, colocando-o no panteão dos grandes intérpretes de Bach. A técnica impecável e a precisão de suas performances são testemunhos do impacto do ensino conservatorial em sua formação.

Entretanto, a trajetória de Martins também ilustra os desafios impostos por esse modelo educacional. A busca incessante pela perfeição técnica resultou em uma lesão por esforço repetitivo (LER), que o afastou dos palcos como pianista em 2002. Este episódio evidencia a pressão e as consequências físicas associadas ao rigor conservatorial, levantando questões sobre a sustentabilidade desse modelo de ensino a longo prazo (Martins, 2020). A necessidade de adaptação e resiliência de Martins, que encontrou na regência uma nova forma de expressão musical, destaca a importância de um equilíbrio entre técnica e criatividade na formação de músicos.

Por outro lado, as pesquisas das práticas educativo-musicais têm discutido, descrito e problematizado os modos de aprender e ensinar música. No contexto brasileiro, partido do pensamento de Bourdieu, Pereira (2014) cunha conceito de "habitus conservatorial", oferecendo uma lente teórica para entender como a formação conservatorial molda não apenas as habilidades técnicas, mas também os comportamentos e atitudes dos músicos e, em um outro nível, a organização das práticas educativas, desde o currículo até as ações pedagógicas em sala de aula. Esse "senso prático" internalizado orienta as decisões artísticas e profissionais, perpetuando práticas tradicionais mesmo diante de críticas e propostas de inovação.

Porém Pereira (2014) não é o primeiro a discutir o tema. Já em 2002 Jardim realiza uma crítica à repetição mecânica e à falta de reflexão crítica no ensino conservatorial sublinha a necessidade de repensar e renovar essas práticas para melhor atender às demandas contemporâneas. Em 2004, Vieira chama este processo de “ensino conservatorial”, sendo que descreve algumas características da formação do músico, que está marcada “pela divisão entre teoria e prática, pela exigência técnica para a execução de repertório de concerto e pela formação a longo prazo” (Vieira, 2004, p. 147).

Neste marco e oriundo de atividades do mestrado em música, este ensaio visa realizar uma análise como o ensino conservatorial influenciou a carreira de João Carlos Martins, destacando tanto os benefícios quanto os desafios impostos por esse modelo educacional. Para isto, analisaremos o filme “João, o maestro”, dirigido por Mauro Lima, lançado em 2017 e disponível em plataformas de streaming, a partir da lente do ensino conservatorial. Apesar de não delimitar uma metodologia de pesquisa tradicional como tal, podemos dizer que a trajetória de Martins serve como um estudo de caso para explorar as complexidades e as implicações de uma formação baseada na disciplina e na busca pela excelência técnica. A análise do filme biográfico utilizou esta fonte audiovisual para extrair dados, aproveitando as vantagens dessa abordagem. Os filmes biográficos combinam elementos visuais, auditivos e narrativos, proporcionando uma representação multifacetada da vida e carreira do indivíduo. No caso de João Carlos Martins, o filme narra eventos significativos de sua trajetória e permite ao espectador vivenciar a intensidade emocional de suas performances e desafios.

Assim, na próxima seção realizaremos uma breve revisão do que se entende por ensino conservatorial desde algumas perspectivas. Em seguida, ao mesmo tempo em que apresentaremos brevemente o filme, o analisaremos, fazendo o uso de descrição de cenas quando se fizer necessário. Por fim, apresentaremos nossas conclusões a respeito desta análise.

O Ensino Conservatorial e suas Influências na Formação Musical

Antes de o Conservatório de Paris se tornar a referência consagrada para o ensino de música, o termo “conservatório” designava instituições criadas para cuidar de órfãos, mantendo-os longe dos perigos da marginalidade (Gjerdingen, 2020). Essas instituições utilizavam o ensino de música como um recurso educativo, sendo responsáveis pela formação de excelentes músicos. Gjerdingen (2020) demonstra que essas instituições, através de uma abordagem prática e educativa, conseguiram transformar indivíduos marginalizados em músicos de alto nível.

O padrão de ensino conservatorial ainda marca, na atualidade, a formação superior do músico em nosso país. Diversos fatores atuam para a continuidade ou renovação deste modelo, sendo um tema amplamente discutido na literatura acadêmica (Penna, 1995; Arroyo, 1999; Jardim, 2002; Esperidião, 2002; Vieira, 2004; Marques, 2011; Pereira, 2014; Queiroz, 2017). A persistência desse modelo instiga a retomada do assunto, visto que continua a nortear as práticas de formação do músico em variados espaços institucionais, inclusive em cursos superiores de música em universidades, sendo que este modelo de ensino não se restringe às instituições denominadas “conservatórios”. Alguns estudos mostram a renovação de padrões educacionais em diversas escolas especializadas em música (Arroyo, 1999; Barbeitas, 2002; Cunha, 2011; Malaquias; Vieira, 2019). Essas pesquisas evidenciam tanto tendências de mudança quanto de permanência, abordando o possível dinamismo das práticas de ensino de música em diferentes espaços como: conservatórios, projetos sociais e universidades.

Antônio Jardim critica severamente esse modelo de ensino, descrevendo a estrutura curricular dessas instituições como “vestuta e caduca” (Jardim, 2002, p. 50). Ele argumenta que o modelo conservatorial “não pensa o que faz, porque não acredita que o que faz pode ser pensado”, preocupando-se apenas em repetir e, em repetindo, assegurar sua própria repetição e manutenção (Jardim, 2002, p. 53). Essa crítica ressalta a falta de reflexão e inovação dentro desse sistema educacional. O enfoque excessivo na técnica como finalidade em si mesma, com a meta do virtuosismo, pode resultar na perda do prazer de tocar e inibir a capacidade de expressão musical (Penna, 1995). Em contraste com a prática da música popular,

a técnica instrumental tem uma função utilitária e são valorizadas a expressão, a exploração e a improvisação, o modelo conservatorial pode, muitas vezes, coibir a espontaneidade e a criatividade dos músicos. Camargo (2018) observa que uma considerável parcela de cursos e professores, seja do ensino formal ou informal, ainda adota programas curriculares análogos aos programas de conservatório, resistindo à mudança desse paradigma que está diretamente associado a uma visão da educação.

O ensino conservatorial, portanto, é marcado pela rigidez do modelo disciplinar que, sendo linear e sequencial, provoca a compartimentação do conhecimento musical (Jardim, 2002; Esperidião, 2002; Pereira, 2014; Queiroz, 2017). Essa abordagem linear pode limitar a flexibilidade e a adaptabilidade dos músicos, enfatizando a técnica em detrimento da expressividade e da criatividade. No entanto, a formação conservatorial também proporciona uma base técnica sólida que pode ser fundamental para o desenvolvimento de uma carreira musical de alto nível.

Couto (2020), ao fazer um resumo da obra “Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy” de Lucy Green, elabora um quadro síntese entre as características de aprendizagem formal e informal. Para nosso exemplo, vale a pena trazer o que se descreve como característica do aprendizado formal.

Quadro I: Características das aprendizagens formal e informal

<i>Características</i>	<i>Aprendizagem formal</i>	<i>Aprendizagem informal</i>
1. Repertório	Selecionado pelos professores, geralmente estranho ao aluno.	Selecionado pelo próprio aprendiz, a partir de uma identificação e preferência pessoal.
2. Via de aquisição de habilidades	Aprendizagem por meio de notação musical tradicional.	Aprendizagem através da prática de "tirar músicas de ouvido" em gravações.
3. Tipo de orientação	Relação professor-aluno, onde o primeiro organiza e orienta os procedimentos do segundo.	Autodidatismo ou interação dentro de um grupo de amigos sem que haja a supervisão/orientação de um professor. Aprendizagem através da observação, imitação, audição e conversas.
4. Organização dos conteúdos	Construção de um programa curricular que parte do simples para o complexo, enfatizando quase sempre a reprodução de peças mais do que a criatividade.	Não há uma organização deliberada, e o conhecimento vai sendo construído ao acaso, de maneira holística e idiossincrática, a partir do repertório escolhido.
5. Enfoque	Busca pela reprodução/interpretação de músicas de outros compositores.	Busca pela criatividade pessoal, através de uma prática que integra profundamente as atividades audição + performance + improvisação + composição.

Fonte: Couto (2020, p. 05)

A trajetória de João Carlos Martins exemplifica essa dinâmica, evidenciando como a formação conservatorial pode definir e impulsionar uma carreira artística de maneira extraordinária, ao mesmo tempo em que impõe desafios significativos e uma pressão constante por superação. Martins, considerado um dos maiores intérpretes de Bach, deve muito de sua habilidade técnica e disciplina à formação rígida que recebeu. No entanto, sua carreira também foi marcada por lesões e desafios físicos decorrentes dessa busca incessante pela perfeição, demonstrando a dualidade do impacto do ensino conservatorial na vida de um músico.

João, o maestro

Partimos, então, para o filme. Ele é uma obra biográfica que narra a vida e a carreira do renomado pianista e maestro brasileiro João Carlos Martins. Considerado um dos mais proeminentes intérpretes de Bach de todos os tempos, Martins iniciou seus estudos musicais aos oito anos e, aos treze, já despontava como um talento promissor, iniciando uma carreira profissional precoce. Segundo a revista Rolling Stone Brasil, em 1962 veio a consagração internacional aos 21 anos, com sua estreia no Carnegie Hall, em Nova Iorque (Rolling Stone Brasil, 2022). Ao se ver com a carreira pianística comprometida, devido a uma lesão por esforço repetitivo, ele foi forçado a abandonar os palcos como pianista em 2002. João Carlos

Martins encontrou na regência uma nova paixão e desafio. Desde então, ele dedicou-se intensamente ao estudo e prática da regência, consolidando uma carreira igualmente notável como maestro.

Com relação ao longa-metragem, ele foi dirigido por Mauro Lima, que tem no seu portfólio os filmes "Meu Nome Não é Johnny" e "Tim Maia". A produção foi realizada por LC Barreto, uma das principais produtoras do cinema nacional.

As cenas de prática e performance no filme mostram a influência do ensino conservatorial, sendo recorrente a prática exaustiva e a busca pela perfeição técnica. Essas representações refletem os princípios do ensino conservatorial, que enfatizam a excelência técnica e a disciplina rigorosa. Neste entremeio, vemos sessões de prática musical e os diálogos referentes a elas destacam a pressão para atingir altos padrões de desempenho. Essas representações ilustram como esse modelo educacional permeou sua vida artística.

Em uma das primeiras cenas (aproximadamente aos 06 minutos) vemos uma aproximação do maestro com seu instrumento. Na sala de aula a professora generalista repreende João quando ele demonstra interesse em brincar, redirecionando sua atenção para a aula de piano. Com determinação, João se concentra nos exercícios propostos pelo método de ensino, demonstrando uma compreensão profunda e notáveis avanços em sua execução. A professora, surpreendida com o progresso de João e sua dedicação aos estudos, fica impressionada com o desempenho do aluno. Essa cena destaca a ênfase na disciplina e na dedicação, tão exigidas pelo ensino conservatorial. A repreensão da professora ao desejo de João de brincar ressalta a rigidez desse método educacional, onde a priorização da prática e do estudo intensivo é fundamental. Esse enfoque rigoroso busca preparar o músico para altos padrões de desempenho, mas também impõe uma pressão constante desde a infância. Comparando com as ideias de Penna (1995), essa abordagem reflete a tendência de priorizar a técnica e a disciplina em detrimento da liberdade e da criatividade natural das crianças.

O filme também explora as tensões entre técnica e expressão artística, uma questão central no ensino conservatorial. Penna (1995) argumenta que o foco no virtuosismo pode

inibir a capacidade de expressão e o prazer de tocar. No filme, essa tensão aparece nas cenas que mostram os sacrifícios pessoais de Martins e suas lutas contra lesões por esforço repetitivo. Esses aspectos da narrativa cinematográfica podem ser entendidos como críticas ao ensino conservatorial, como aquelas discutidas por autores como Jardim (2002), Vieira (2004) e Pereira (2014). As performances musicais originais de João Carlos Martins no filme fornecem autenticidade e profundidade adicionais à análise. Elas permitem ao público vivenciar a habilidade técnica e a expressividade emocional do músico, ressaltando o impacto duradouro de sua formação conservatorial.

Um exemplo pontual no filme é quando o professor de piano de João expressa preocupação ao perceber que João aceitou um concerto de piano com peças de um compositor extremamente exigente e rigoroso (aproximadamente aos 36 minutos). Ele menciona que o último pianista desistiu do desafio devido à falta de tempo para estudar adequadamente. Apesar dos avisos e dos possíveis impactos negativos em sua saúde, sua ambição e obsessão pela perfeição o impulsionam a aceitar o desafio, determinado a enfrentar as dificuldades e dedicar-se incansavelmente ao trabalho necessário para uma execução impecável. Nesta cena, a determinação de João em aceitar o desafio do concerto de piano, apesar dos avisos sobre os possíveis impactos negativos em sua saúde, ressoa com as discussões de Penna (1995) sobre os aspectos do ensino conservatorial. Penna argumenta que esse ensino muitas vezes enfatiza a prática exaustiva e a busca incessante pela perfeição técnica, mesmo que isso acarrete sacrifícios pessoais. A ambição e a obstinação de João refletem a mentalidade enraizada pelo ensino, onde o comprometimento com o estudo intensivo é considerado essencial para o sucesso na carreira musical. Também podemos pensar na ideia do repertório construído *progressivamente* pelo professor (Couto, 2020), e a atitude de João em desafiar a própria recomendação.

Já em outra cena, mais ao final, enquanto observa o time de futebol da Portuguesa treinando através da janela (aproximadamente aos 51:03 minutos), João sente uma súbita inspiração para se juntar a eles. Descendo apressadamente para participar do jogo, ele se

envolve em um acidente que resulta em uma lesão séria na mão, que causa não apenas danos físicos, mas também impacta significativamente sua técnica e interpretação ao piano. A frustração e a dor resultantes da lesão o obrigam a enfrentar um desafio adicional em sua jornada musical, restringindo sua capacidade de se expressar plenamente através do instrumento. Essa cena pode ser interpretada como um reflexo da maneira como o ensino conservatorial muitas vezes restringe desejos e interesses outros dos músicos.

Em uma entrevista de 2020 para a BBC News, o pianista João Carlos Martins (2020) relembrou os desafios enfrentados por conta da Lesão por Esforço Repetitivo (LER). Ele compartilhou: "Por praticar cerca de 10 a 12 horas por dia, eu fiquei com LER, aí tive que interromper pela segunda vez. Com fisioterapia e cirurgias, consegui voltar novamente." Martins interrompeu sua carreira três vezes devido às limitações físicas, mas nunca abandonou a música. Nos últimos anos, ele passou a utilizar uma luva biônica, projetada para ajudar a recuperar parte da mobilidade de suas mãos, o que lhe permitiu voltar a se apresentar nos concertos. A história de João Carlos Martins é um exemplo impressionante de resiliência, mostrando como a tecnologia, aliada à força de vontade, pode abrir novas portas e proporcionar oportunidades de reinvenção para músicos em momentos críticos.

Na totalidade, a análise do filme biográfico de João Carlos Martins revela como o ensino conservatorial influenciou profundamente sua carreira artística. A combinação de elementos visuais, auditivos e narrativos no filme oferece uma perspectiva rica e complexa. Essa abordagem destaca a importância do ensino conservatorial na formação de músicos de alto nível e evidencia as pressões e sacrifícios associados a essa busca pela excelência.

Notas finais

A partir do filme “João, o maestro”, este ensaio buscou realizar uma análise sobre como o ensino conservatorial influenciou a carreira de João Carlos Martins, destacando tanto

os benefícios quanto os desafios impostos por esse modelo educacional. A sua história oferece uma visão profunda das influências do ensino conservatorial na formação musical e na trajetória artística de um músico. Seu percurso musical desde os primeiros passos na música até os palcos internacionais reflete não apenas a excelência técnica que se busca com o ensino conservatorial, mas também os desafios e as pressões associadas a esse modelo educacional. A busca incessante pela perfeição técnica impulsionou João a alcançar grandes feitos, como sua estreia no Carnegie Hall. No entanto, essa mesma busca pela perfeição também não foi sem ônus, evidenciado pela lesão por esforço repetitivo que o afastou temporariamente dos palcos como pianista.

Ao analisarmos a história de João Carlos Martins à luz do ensino conservatorial, torna-se evidente a complexidade dessa abordagem educacional. Por um lado, o rigor e a disciplina técnica forneceram a base necessária para o sucesso de João no cenário musical internacional. Por outro lado, as exigências desse modelo educacional também o expuseram a pressões físicas e emocionais significativas, levantando questões sobre a sustentabilidade a longo prazo desse tipo de formação.

Em última análise, a história de João Carlos Martins destaca a riqueza e a complexidade do ensino conservatorial, evidenciando tanto seus benefícios quanto suas limitações. Ao examinarmos essa trajetória, somos confrontados com perguntas importantes sobre o papel da técnica, da disciplina e da criatividade na formação de músicos excepcionais. Através dessa reflexão, podemos vislumbrar novos caminhos para o ensino musical, buscando um equilíbrio entre tradição e inovação que possa preparar os músicos do futuro para os desafios e oportunidades do mundo contemporâneo.

Referências

ARROYO, Margarete. Música popular em um conservatório de música. *Revista da Abem*, n. 6, set. 2001. Disponível em:

<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/441/368>. Acesso em: 3 dez. 2019.

BARBEITAS, Flávio Terrigno. Do Conservatório à Universidade: o novo currículo de graduação da Escola de Música da UFMG. *Revista da Abem*, Porto Alegre, v. 7, p. 75-81, set. 2002. Disponível em

<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/434>. Acesso em: 6 fev. 2020.

COUTO, Ana Carolina. Resenha de Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy, de Lucy Green.. *OPUS (BELO HORIZONTE. ONLINE)*, v. 26, p. 1-10, 2020.

CUNHA, Elisa da Silva e. Compreender a escola de música: uma contribuição para a sociologia da educação musical. *Revista da Abem*, v. 19, n. 26, p. 70-78, jul./dez. 2011. Disponível em:

<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/175/110>. Acesso em: 16 dez. 2019.

ESPERIDIÃO, Neide. Educação profissional: reflexões sobre o currículo e a prática pedagógica dos conservatórios. *Revista da Abem*, Porto Alegre, v. 7, p. 69-74, set. 2002. Disponível em:

<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/433/360>. Acesso em: 2 fev. 2020

GJERDINGEN, Robert O. *Child Composers and Their Teachers: The Emergence of Musical Genres*. New York: Oxford University Press, 2020.

JARDIM, Antônio. Escolas oficiais de música: um modelo conservatorial ultrapassado e sem compromisso com a realidade brasileira. *Plural*, Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa de Documentação (Escola de Música Villa-Lobos), ano II, n. 2, p. 105-122, 2002.

MALAQUIAS, Tadeu Aparecido; VIEIRA, Alboni Marisa D. P. *Keith Swanwick: da teoria à transformação da escola de música de Belas Artes do Paraná*. Curitiba: Appris, 2019.

MARQUES, Eduardo Luedy. Discursos de professores de música: cultura e pedagogia em práticas de formação superior. *Revista da Abem*, Londrina, v. 19, n. 26, p. 47-59, 2011.

Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/173/108>. Acesso em: 28 jun. 2020.

MARTINS, J. C. (2020). *A incrível jornada de João Carlos Martins, de menino prodígio a retorno ao piano*. BBC News Brasil. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?si=NWs4SI39I2fzylMo&v=RYN7Qp7d7M4&feature=youtu.be>. Acesso em 15 out. 2024.

MARTINS, J. C. João Carlos Martins: *Tudo conspirou para que eu não tocasse mais piano*: depoimento [jul. 2020]. Entrevistadora: Katiuscia Neri. Brasília: TV Brasil, 2020. Entrevista concedida à TV Brasil. Disponível em <https://tvbrasil.ebc.com.br/impressoes/2020/07/joao-carlos-martins-tudo-conspirou-para-que-eu-nao-tocasse-mais-piano>. Acesso em 20 jun. 2024.

PENNA, Maura. Ensino de música: para além das fronteiras do conservatório. In: PEREGRINO, Yara Rosas (coord.). *Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1995. p. 129-140.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo. *Revista da Abem* v. 22, n. 32, p. 90-103, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/464>. Acesso em: 25 out. 2019.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da Abem*, v. 25, n. 39, p. 132-159, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/726/501>. Acesso em: 30 nov. 2019.

Rolling Stone Brasil. *Maestro João Carlos Martins comemora 60 anos de sua estreia no Carnegie Hall*. Rolling Stone Brasil, 2022. Disponível em: [\[https://rollingstone.uol.com.br/musica/maestro-joao-carlos-martins-comemora-60-anos-de-sua-estreia-no-carnegie-hall-confira-fotos-exclusivas-do-ensaio/\]\(https://rollingstone.uol.com.br/musica/maestro-joao-carlos-martins-comemora-60-anos-de-sua-estreia-no-carnegie-hall-confira-fotos-exclusivas-do-ensaio/\)](https://rollingstone.uol.com.br/musica/maestro-joao-carlos-martins-comemora-60-anos-de-sua-estreia-no-carnegie-hall-confira-fotos-exclusivas-do-ensaio/). Acesso em: 20 jun. 2024.

VIEIRA, Lia Braga. *A escolarização do ensino de música*. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 15, n. 2, p. 141–150, 2004. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643816>. Acesso em: 20 jun. 2024.